



GOIS, Guilherme Andrade; SOUZA, Allana Santana. O maravilhoso em *Sísifo*, de Marcus Accioly: mapa mítico dos Cantos I e II. **Revista Épicas**. N. 19 – jun 26, p. 108-123.

DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2026.v19.108123>

O MARAVILHOSO EM *SÍSIFO*, DE MARCUS ACCIOLY: MAPA MÍTICO DOS CANTOS I E II

THE MARVELOUS IN *SÍSIFO*, BY MARCUS ACCIOLY: MYTHICAL MAP OF CANTOS I AND II

Allana Santana Souza (UFS)¹

Guilherme Andrade Gois (PROFLETRAS/ITA/UFS)²

RESUMO: este artigo analisa o plano maravilhoso na epopeia *Sísifo*, de Marcus Accioly, tomando como recorte os Cantos I, “A irrealidade mitológica”, e II, “O possível da lenda”. A investigação parte das formulações de Christina Ramalho (2017) sobre o plano maravilhoso da epopeia, entendido como dimensão responsável por articular mito, imagem simbólica e construção épica. Defende-se que, em *Sísifo*, o maravilhoso, para além da presença de referências mitológicas, atua como princípio estruturante da composição poética, organizando a linguagem, o tempo e a configuração do herói. Para demonstrar essa hipótese, propõe-se a construção de um mapa mítico dos dois cantos, com atenção aos núcleos simbólicos recorrentes, como pedra, montanha, mar, silêncio, música, alegoria e identidade, e aos deslocamentos que eles produzem no interior da tradição épica. A análise evidencia que Accioly mobiliza uma fonte mítica híbrida, pois retoma imagens da tradição greco-clássica e as reelabora por meio de procedimentos metapoéticos, alegóricos e simbólicos. Assim, o poema reconfigura o épico moderno ao transformar o castigo de Sísifo em linguagem poética, tensionando as ideias de heroísmo, progresso narrativo e totalidade épica.

Palavras-chave: Plano maravilhoso. Epopeia. Marcus Accioly.

ABSTRACT: this article analyzes the marvelous plane in Marcus Accioly's epic poem *Sísifo*, focusing on Cantos I, "A irrealidade mitológica," and II, "O possível da lenda." The investigation is based on Christina Ramalho's (2017) formulations on the marvelous plane of the epic, understood as a dimension responsible for articulating myth, symbolic image, and epic construction. It argues that, in *Sísifo*, the marvelous, beyond the presence of mythological references, acts as a structuring principle of the poetic composition, organizing language, time, and the configuration of the hero. To demonstrate this hypothesis, the construction of a mythical map of the two cantos is proposed, paying attention to recurring symbolic nuclei such as stone, mountain, sea, silence, music, allegory, and identity, and to the displacements they produce within the epic tradition. The analysis shows that Accioly mobilizes a hybrid mythical source, as he takes up images from the Greco-classical tradition and reworks them through metapoetic, allegorical, and symbolic

¹ Licenciada em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Sergipe (2025). Professora do Ensino Básico desde 2023. Membro temporário do GT 5 Historiografia épica do Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos (CIMEEP). E-mail: santtanaallana@gmail.com

² Licenciado em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Sergipe (2024); mestrando em Linguagens e Letramentos pela Universidade Federal de Sergipe e orientando da Profa. Dra. Christina Bielinski Ramalho (UFS). Membro temporário do GT 5 Historiografia épica do Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos (CIMEEP). E-mail: guilhermeandradegois@gmail.com

procedures. Thus, the poem reconfigures the modern epic by transforming the punishment of Sisyphus into poetic language, creating tension between the ideas of heroism, narrative progress, and epic totality.

Keywords: Marvelous plan. Epic. Marcus Accioly.

Introdução

A figura de Sísifo ocupa lugar singular no imaginário mítico ocidental. Condenado a empurrar eternamente uma pedra montanha acima, apenas para vê-la rolar novamente quando se aproxima do cume, Sísifo tornou-se uma das imagens mais persistentes da repetição, do esforço inútil, da resistência e da condição humana diante do absurdo. Essa imagem, amplamente retomada pela literatura, pela filosofia e pelas artes visuais, encontra expressão emblemática na pintura *Sísifo*, de Ticiano, na qual o corpo tensionado do personagem, curvado sob o peso da rocha, materializa plasticamente a violência do castigo e a permanência do esforço.



Figura 1 – Sísifo carregando a pedra.³

No âmbito dos estudos mitológicos, Pierre Grimal registra aspectos fundamentais da tradição associada a Sísifo, destacando sua astúcia, sua ligação genealógica com Éolo, sua condição de fundador de Corinto e sua inserção em episódios marcados por transgressão e enfrentamento com os deuses. No fragmento do *Dicionário de mitologia grega e romana* (2000), citado por Ramalho em sua tese *Vozes épicas: história e mito segundo as mulheres* (2004), Sísifo é apresentado como “filho de Éolo”, “astuto e inescrupuloso”, pai de Ulisses em algumas tradições, fundador de Corinto e delator de Zeus a Asopo no episódio do rapto de Egina.

Tabela 1 – Fragmento do verbete sobre Sísifo. Grimal (2000), citado por Ramalho (2004, p. 66).

5.3.26 SÍSIFO

³ TICIANO, Vecellio. *Sísifo*. c. 1548-1549. Pintura a óleo sobre tela, 237 x 216 cm. Museu do Prado, Madri.

Pierre Grimal
Filho de Éolo. Astuto e inescrupuloso. Pai de Ulisses, possuiu Anticléia na véspera de seu casamento com Laertes. Segundo alguns mitógrafos, o pai de Anticléia a deu propositalmente a Sísifo, pois desejava ter um neto tão astuto quanto ele. Fundador de Corinto. Denunciou Zeus a Asopo quando este procurava pela filha Egina (raptada por Zeus). Zeus castigou-o precipitando-o aos infernos, onde lhe impôs como castigo rolar um enorme rochedo na subida de uma vertente. Assim que o rochedo atingia o cimo, caía e o trabalho tinha que recomeçar. Outra versão diz que, após ser castigado por Zeus, Sísifo conseguiu prender a Morte (Tânato) acorrentando-a. Nesse período, nenhum ser humano morreu. Zeus interveio e a primeira vítima de Tânato foi, obviamente, Sísifo.

Esses elementos tradicionais são relevantes porque permitem perceber que Sísifo não é apenas o condenado da pedra. Antes de ser fixado como símbolo do castigo repetitivo, ele pertence a uma rede mítica mais ampla, marcada por astúcia, violência, fundação, transgressão, parentesco heroico e tensão com a ordem divina. É justamente essa complexidade que Marcus Accioly retoma e reelabora em sua epopeia *Sísifo*, obra em que o mito antigo é deslocado para uma construção poética moderna, fragmentária, simbólica e metapoética.

Neste artigo, analisa-se o plano maravilhoso em *Sísifo*, de Marcus Accioly, a partir de um recorte delimitado aos Cantos I, “A irrerealidade mitológica”, e II, “O possível da lenda”. O objetivo é compreender como esses dois cantos instauram e desenvolvem os principais procedimentos de configuração do maravilhoso na obra. Parte-se da hipótese de que o maravilhoso, em *Sísifo*, para além da presença de personagens, lugares ou referências mitológicas isoladas, atua como princípio estruturante do poema, organizando a linguagem, o tempo, o espaço simbólico e a própria configuração do herói épico.

Para fundamentar essa leitura, toma-se como referência a concepção de plano maravilhoso da epopeia formulada por Christina Ramalho (2017), especialmente sua distinção entre fontes míticas tradicionais, literariamente elaboradas e híbridas. A partir dessa perspectiva, entende-se que *Sísifo* se aproxima de uma fonte mítica híbrida, pois retoma imagens pertencentes ao repertório greco-clássico, como Sísifo, Orfeu, Pégaso, Musas, Ulisses, Belerofonte e Mérope, mas as submete a uma intensa reelaboração literária. Accioly, assim, reorganiza as imagens míticas em uma arquitetura simbólica própria, na qual a pedra, a montanha, o mar, o silêncio, a música, a alegoria e a palavra passam a compor uma rede de sentidos.

Como procedimento de análise, propõe-se a construção de um mapa mítico dos Cantos I e II. Esse mapa consiste na identificação dos núcleos simbólicos centrais que estruturam o plano maravilhoso em cada canto e na observação de seus deslocamentos. No Canto I, destacam-se imagens como pedra, montanha, mar, silêncio, subida, queda e cosmo, responsáveis por instaurar a irrerealidade mitológica como experiência

totalizante. No Canto II, por sua vez, o maravilhoso passa a ser organizado por formas de narração e interpretação, como lenda, alegoria, fábula e parábola, além de núcleos como música, puma, águia, palavra, identidade e estrela.

Dessa forma, a análise busca demonstrar que o maravilhoso em *Sísifo* funciona simultaneamente como continuidade da tradição épica e como mecanismo de sua problematização. Ao transformar o castigo de Sísifo em linguagem poética, Accioly reconfigura a figura do herói, deslocando-o da esfera da conquista para a esfera da repetição, da resistência e da interpretação. Assim, a epopeia constrói uma forma moderna de maravilhoso, na qual o mito permanece vivo porque é submetido a novas tensões formais, simbólicas e existenciais.

Marcus Accioly e o projeto de uma épica moderna

Marcus Accioly (1943–2017) ocupa posição de destaque na poesia brasileira contemporânea. Autor pernambucano ligado à chamada Geração 65, construiu uma obra de grande densidade verbal, forte diálogo com a tradição clássica e evidente vocação para a reinvenção da épica em chave moderna. Sua produção reúne poesia, reflexão teórica e experimentação formal, com destaque para a tetralogia inspirada na mitologia grega, composta por *Sísifo*, *Íxion*, *Narciso* e *Érato*.



Figura 2 – Marcus Accioly.⁴

No caso específico de *Sísifo*, interessa destacar que a obra se insere em um projeto poético mais amplo, voltado para a formulação de uma nova possibilidade épica. Esse horizonte foi identificado pela crítica como parte de uma tentativa de ressignificar a epopeia a partir da experiência histórica do homem contemporâneo. Nesse sentido, é especialmente elucidativa a observação de Acácio Luiz Santos Santos:

Com a publicação de *Sísifo*, seu quarto volume de poemas, em 1976, Marcus Accioly concretiza uma proposta que já vinha acalentando há algum tempo, a de fundar um novo épico capaz de significar a tortuosa aventura do homem contemporâneo. A este novo gênero o autor denominou “realismo épico”, e audaciosamente o erigiu a partir de um mito “maldito”, o do supliciado Sísifo, astucioso trapaceador dos deuses, que é condenado a empurrar, no Tártaro, uma volumosa pedra

⁴ ACCIOLY, Marcus. *Sísifo*. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1976. p. VII.

até o topo de uma montanha, pedra esta que lhe escapa quando ele está quase alcançando seu objetivo, e ele tem que recomeçar toda a árdua e inútil empresa. (Santos, 2009, p. 370)

A formulação de Santos é importante porque situa *Sísifo* dentro de um projeto consciente de refundação do épico. A expressão “realismo épico”, associada por Accioly ao seu trabalho, indica uma tentativa de aproximar a matéria mítica da crise moderna, deslocando a epopeia do campo exclusivo das façanhas heroicas para o campo da experiência humana marcada por tensão, repetição, desgaste e busca de sentido. Nesse quadro, o mito de Sísifo oferece uma figura adequada para a representação de uma aventura contemporânea atravessada por impasse e resistência.

A leitura da obra de Accioly também exige atenção à sua dimensão teórica. Seu trabalho poético dialoga com uma reflexão explícita sobre tradição, historicidade e criação literária. Rita Olivieri-Godet destaca essa característica ao relacionar a poesia do autor a um forte senso histórico, visível tanto na obra poética quanto em seus textos de reflexão estética:

A poesia de Marcus Accioly, assim como suas reflexões teóricas, como testemunham certas passagens de seu livro que faz figura de manifesto intitulado *Poética. Pré-manifesto ou anteprojeto do realismo épico* (1977), revelam um poeta imbuído do «historical sense»³ ao qual se refere Eliot. Partindo daí, em vez de se limitar às circunstâncias de seu tempo e de sua geração, Accioly — poeta depositário da memória poética universal e brasileira — enxerga o tempo em sua totalidade: «o tempo — como a corda de um instrumento musical — deve ser tocado por inteiro e o que importa é o tempo em que tocamos seu fio»; «o poeta tem que ser ele todo, para que seja ele mesmo e, ser ele todo significa ser ele um—todo.» (Olivieri-Godet, 2004, p. 50 [trad. nossa])

A observação de Olivieri-Godet ajuda a compreender a amplitude do projeto de Accioly. Sua poesia se orienta por uma concepção de tradição que envolve memória, atualização e diálogo com formas antigas. Em *Sísifo*, essa orientação se revela na retomada do mito grego em conexão com procedimentos formais modernos, com a reelaboração da matéria épica e com uma visão de tempo que ultrapassa o imediato e integra múltiplas camadas da experiência histórica e literária.

A fortuna crítica e editorial recente de *Sísifo* confirma a relevância da obra no conjunto da produção de Marcus Accioly. Publicado originalmente em 1976 pela Quíron/INL, o poema recebeu uma segunda edição em 2023 pela Cepe Editora, no contexto da reedição da tetralogia mitológica do autor, composta por *Sísifo*, *Íxion*, *Narciso* e *Érato*. A nova edição de *Sísifo* foi publicada pela Cepe Editora em 2023, com 432 páginas e ISBN 978-65-5439-126-9 (COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO, 2023). Além disso, em matéria institucional sobre o lançamento da tetralogia, a Cepe informa que os quatro livros estavam esgotados havia décadas e foram reeditados por ocasião dos 80 anos de nascimento de Accioly. Nesse contexto de republicação, a recepção de Carlos Drummond de Andrade, reproduzida pela própria editora, reforça a percepção de *Sísifo* como obra de grande complexidade formal e potência estética, descrita pelo poeta mineiro como “fonte inesgotável de leitura e surpresa e admiração” e como obra “densa e plurifacetada”. A sinopse do livro indicando pela editora encontra-se integralmente abaixo:

Ao ler os originais de *Sísifo* o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade considerou a obra "densa e plurifacetada", "fonte inesgotável de leitura e surpresa e admiração". A extraordinária obra do poeta pernambucano Marcus Accioly, parte de uma tetralogia inspirada na mitologia grega, ganha agora segunda edição pela Cepe Editora. O trágico mito grego de Sísifo, condenado pelos deuses a eternamente rolar uma enorme pedra montanha acima até o cume, sem nunca alcançar seu intento, tem ilustrado a ideia de que a vida não tem um propósito ou significado intrínseco e representaria a condição humana e nosso esforço de superação: presos em uma vida sem sentido, ainda assim tendo a liberdade de buscar nossa própria alegria e propósito em meio ao absurdo. Para Marcus Accioly a superação pode vir pela poesia. (Cepe Editora, 2023)

Esse trecho, de circulação editorial e jornalística, sintetiza três aspectos decisivos para a leitura da epopeia: a recepção altamente favorável de Drummond, a inserção de *Sísifo* na tetralogia mitológica do autor e a interpretação do mito como figura da condição humana. Dentro da poética de Accioly, essa condição se converte em matéria de elaboração artística, e a poesia aparece como forma de enfrentamento simbólico da repetição, do sofrimento e do absurdo. A escolha de Sísifo como protagonista de uma epopeia moderna torna-se, assim, coerente com a proposta do realismo épico e com o esforço de reelaborar a tradição clássica a partir das exigências da contemporaneidade.

À luz desse percurso, a abordagem do plano maravilhoso em *Sísifo* ganha maior consistência. O exame dos Cantos I e II pode partir de um dado fundamental: a epopeia de Accioly nasce de um projeto autoral consciente, fortemente ancorado na tradição e voltado para sua reinvenção. A figura de Sísifo, em seu poema, deixa de ser apenas personagem da mitologia grega e passa a atuar como núcleo de uma construção épica que articula mito, linguagem, experiência histórica e reflexão poética.

O plano maravilhoso da epopeia segundo Christina Ramalho

Para fundamentar a análise dos Cantos I e II de *Sísifo*, toma-se como base a concepção de plano maravilhoso formulada por Christina Ramalho. Em sua perspectiva, a epopeia articula matéria épica, linguagem poética e imagens histórico-míticas. O maravilhoso corresponde à dimensão simbólica por meio da qual o poema épico traduz a relação humana com o mistério, com o desconhecido e com aquilo que escapa à explicação racional imediata.

Ramalho situa a origem das imagens míticas no desejo humano de compreender o que permanece enigmático. A autora afirma:

"Nunca soubemos bem" define, sinteticamente, a fonte de todos os mitos, a origem de todas as imagens míticas que, derivando do incessante desejo de "saber bem", brotam da imaginação, da sensibilidade e da sintonia humana com o mistério, que, apesar de toda a evolução do conhecimento científico, sempre está lá, revelando novas faces herméticas, novas pulsões ao desconhecido, novos embriões para novas imagens míticas. E, assim, a humanidade vai cumprindo sua sina de não ser apenas logos, mas também mythos, também segredo. (Ramalho, 2017, p. 206)

Essa formulação orienta diretamente a leitura de *Sísifo*, pois a epopeia de Marcus Accioly parte de uma imagem mítica conhecida, o condenado que empurra eternamente a pedra, e a converte em núcleo de reflexão sobre linguagem, repetição, castigo, desejo, identidade e condição humana. O mito atua como estrutura simbólica por meio da qual o poema organiza seu universo imaginário.

Ramalho também propõe uma tipologia das fontes responsáveis pela constituição do plano maravilhoso da epopeia:

[...] a concepção do plano maravilhoso depende da fonte das imagens míticas tomadas. Essa fonte pode se caracterizar como: fonte mítica tradicional (a), fonte mítica literariamente elaborada (b) e fonte mítica híbrida (c). [...] fonte mítica tradicional (a), restringe-se mais à seleção das fontes eleitas e à tradução, sob forma de poesia épica, da imagem mítica enfocada. [...] A fonte mítica literariamente elaborada (b) requer do poeta ou da poetisa épico/a a capacidade de fundir um potencial mítico culturalmente imanente em uma sociedade a uma estrutura, literariamente criada, e ao repertório histórico, geográfico, geológico, antropológico, etc., que configura, em termos gerais, o plano histórico referenciado pelo poema épico. [...] O último caso, da fonte mítica híbrida (c), [...] revela um plano maravilhoso que tanto apresenta imagens míticas extraídas do repertório cultural enfocado, como desenvolve a fusão dos planos histórico e maravilhoso por meio de elaborações literárias que captam o valor simbólico de determinadas estruturas de representação. (Ramalho, 2017, p. 207-215)

A partir dessa classificação, *Sísifo* pode ser lido como epopeia de **fonte mítica híbrida**. A obra retoma imagens reconhecíveis do repertório greco-clássico, entre elas Sísifo, Orfeu, Pégaso, as Musas, Ulisses, Belerofonte e Mérope. Esse repertório tradicional recebe, em Accioly, uma reelaboração marcada pela fragmentação formal, pela experimentação verbal, pela metalinguagem e pela sobreposição de tradições míticas, épicas, religiosas e literárias.

No Canto I, “A irrealidade mitológica”, o plano maravilhoso instaura um universo simbólico de grande amplitude. A pedra, a montanha, o mar, o silêncio, o inferno, as estrelas e a figura do “novo Sísifo” compõem uma rede de imagens que amplia o castigo mítico e o transforma em experiência poética. No Canto II, “O possível da lenda”, o maravilhoso assume formas narrativas e interpretativas por meio da lenda, da alegoria, da fábula e da parábola. Nesse movimento, o mito passa a funcionar como linguagem de leitura do mundo. O plano maravilhoso em *Sísifo* resulta, portanto, da combinação entre herança mítica tradicional e elaboração literária moderna. Accioly recolhe o mito antigo e o reorganiza como estrutura poética capaz de pensar a epopeia em outro contexto histórico e estético. A pedra funciona como objeto do suplício, palavra, peso, identidade, destino e matéria do poema. Sísifo assume a condição de herói, poeta, músico, intérprete e figura da própria criação épica.

Com base em Ramalho, este artigo compreende o maravilhoso em *Sísifo* como dimensão estruturante da obra. O mapa mítico dos Cantos I e II permitirá observar como as imagens tradicionais são retomadas, deslocadas e reorganizadas em núcleos simbólicos. Por essa via, será possível demonstrar que a epopeia de Accioly constrói uma forma moderna de épico, na qual o mito grego permanece ativo ao converter-se em linguagem poética, reflexão sobre o tempo e questionamento do heroísmo.

O Canto I: a instauração da irrealidade mitológica

O Canto I de *Sísifo*, intitulado “A irrealidade mitológica”, exerce função inaugural na epopeia de Marcus Accioly. Nesse canto, o poema apresenta os principais procedimentos de construção do plano maravilhoso: a retomada da tradição épica clássica, a fusão entre repertórios pagãos e cristãos, a centralidade

da pedra e da montanha, a conversão do mar em espaço infernal, a tensão entre voz e silêncio, o movimento de subida e queda, além da presença de animais, monstros e imagens cosmológicas. Esses elementos formam o primeiro mapa mítico da obra e orientam a entrada do leitor no universo simbólico de Sísifo.

A abertura do canto realiza uma apropriação direta da tradição épica e literária ocidental. Accioly convoca, de modo fragmentado, Dante, Camões, Homero e Virgílio, criando uma condensação da memória épica. Os versos iniciais

Da nossa vida em meio da jornada
entre armas e barões assinalados
tendo perdido a verdadeira estrada
vi-me por mares nunca navegados
(Accioly, 1976, p. 3)

recuperam simultaneamente a *Divina Comédia* e *Os Lusíadas*, enquanto os nomes de Aquiles, Odisseus, Vasco e Eneias, em estrofes posteriores, ampliam a rede de referências heroicas. Essa abertura produz um gesto duplo: filia o poema à tradição épica e a reorganiza por meio da montagem, da citação e da fragmentação moderna.

Em seguida, o poema apresenta a dupla invocação, procedimento decisivo para a configuração do maravilhoso. Primeiro, o eu poético dirige-se às Musas

ó Calíope Érato Melpômene
dai-me Musas a força e a coragem
(Accioly, 1976, p. 4)

retomando o modelo clássico de inspiração épica. Depois, invoca a Trindade cristã:

e Tu ó Deus Triângulo Trindade
3 Palavras 3 Símbolos 3 Números
3 Pessoas 3 Coisas 3 Verdades
(Accioly, 1976, p. 4)

A justaposição entre Musas e Trindade cria um maravilhoso sincrético, formado pela convivência de códigos pagãos, cristãos, épicos e modernos. A numerologia do três reforça a dimensão simbólica da invocação cristã e dá ao canto uma organização ritualística.

A partir dessa abertura, o Canto I passa a desenvolver núcleos simbólicos recorrentes. Esses núcleos organizam o plano maravilhoso e permitem compreender como o mito de Sísifo é transformado em linguagem poética. A seguir, é apresentada uma tabela que, resumidamente, apresenta o (s) núcleo (s) simbólico (s) recorrente (s), uma estrofe / fragmento exemplificativo e, por fim, uma breve explicação.

Tabela 2 – Núcleos simbólicos recorrentes no Canto I de *Sísifo*

Núcleo recorrente: Pedra / montanha
Estrofe / fragmento do poema: “rolarei para sempre (novo Sísifo) / a pedra do poema até os píncaros” (Accioly, 1976, p. 3). “como o suor nos poros / de uma pedra” (Accioly, 1976, p. 11).

Explicação: A pedra concentra o peso do castigo, da existência e da criação poética. A expressão “pedra do poema” aproxima o suplício mítico do trabalho literário. A montanha representa a dificuldade da ascensão e o esforço contínuo.
Núcleo recorrente: Mar / água / sal
Estrofe / fragmento do poema: “aqui a água é sal / (o sal é pedra)” (Accioly, 1976, p. 18). “o mar era um inferno com seus círculos / com suas chamas verdes ou azuis” (Accioly, 1976, p. 19).
Explicação: O mar funciona como espaço de sofrimento e punição. A equivalência entre água, sal e pedra cria uma cadeia simbólica ligada ao peso, à dor e ao castigo. A imagem dos “círculos” aproxima o mar do imaginário infernal e reforça a repetição sisífica.
Núcleo recorrente: Voz / silêncio / canto
Estrofe / fragmento do poema: “e o céu escute o som do meu silêncio” (Accioly, 1976, p. 3). “não de tuba canora o som guerreiro / nem músicas e danças do alaúde / mas da terra o som alto e verdadeiro” (Accioly, 1976, p. 3).
Explicação: O canto épico é reformulado. A voz guerreira tradicional cede espaço a uma enunciação marcada pelo silêncio, pela escuta e pelo som profundo da terra. O “som do meu silêncio” condensa a tensão entre canto e impossibilidade de cantar.
Núcleo recorrente: Subida / queda
Estrofe / fragmento do poema: “é preciso subir quando é preciso” (Accioly, 1976, p. 3). “— quem sobe pelas escadas / que sobem sem descer mais?” (Accioly, 1976, p. 7).
Explicação: A subida representa esforço, persistência e desejo de elevação. Em Sísifo, esse movimento carrega a marca da repetição: subir implica recomeçar. A ascensão possui valor épico e trágico, pois aponta para o alto e conserva a condenação do retorno.
Núcleo recorrente: Bestiário e cosmologia
Estrofe / fragmento do poema: “com tanto medo e coragem / como se (vivo) ainda fora / seguido de uma pantera / de um leão e de uma loba?” (Accioly, 1976, p. 9). “somos irmãos dos peixes / cavalgamos / hipocampos / tememos as gaivotas / e os ursos / nós cantamos no silêncio” (Accioly, 1976, p. 14).

Explicação: Animais e seres míticos tornam visível a dimensão maravilhosa do canto. A pantera, o leão e a loba remetem ao imaginário dantesco da ameaça. Os peixes, hipocampos, gaivotas e ursos ampliam o mundo do poema, aproximando o humano do animal, do mítico e do cósmico.

A tabela evidencia que o plano maravilhoso do Canto I se constrói pela repetição e pela articulação de imagens simbólicas. Pedra, montanha, mar, silêncio, subida e bestiário formam uma rede de sentidos que redefine o mito de Sísifo. O castigo deixa de pertencer apenas ao plano narrativo da tradição greco-romana e passa a estruturar a própria linguagem do poema.

A finalização do canto amplia essa construção para uma arquitetura universal. O poema encerra o percurso com a imagem de uma passagem

dos círculos do Inferno às esferas dos céus
através da Pirâmide ou do Purgatório
do fogo até a luz
(Accioly, 1976, p. 20)

compondo uma sequência que vai do inferno ao purgatório e às esferas celestes. O drama de Sísifo passa a integrar uma estrutura cósmica atravessada por sofrimento, purgação, luz, música e circularidade. O verso

mundo dentro do mundo (universo de Sísifo
cujo fim da galáxia é o próprio princípio)
(Accioly, 1976, p. 20)

sintetiza essa lógica, pois aproxima fim e origem, queda e recomeço, condenação e permanência.

Desse modo, o Canto I instaura a irrealidade mitológica como regime de composição da epopeia. O maravilhoso organiza o espaço, o tempo, a voz, o corpo e a figura do herói. A pedra transforma o poema em carga; a montanha converte a ascensão em esforço interminável; o mar duplica o inferno; o silêncio redefine o canto épico; os animais e as imagens cosmológicas ampliam a cena para uma escala universal. O mapa mítico do Canto I revela uma epopeia em que o mito de Sísifo é reconfigurado como linguagem do peso, da repetição e da criação poética.

O Canto II: o possível da lenda e a interpretação do mito

O Canto II de *Sísifo*, intitulado “O possível da lenda”, desloca o plano maravilhoso para uma dimensão mais narrativa e interpretativa. Se o Canto I instaura a “irrealidade mitológica” como regime de composição, o Canto II mostra que esse mundo mítico pode ser contado, reorganizado e traduzido em diferentes formas simbólicas. Logo no início, o poema afirma:

No mundo mitológico
a lenda é a verdade da mentira
(Accioly, 1976, p. 23).

Essa formulação indica uma chave importante para a leitura do canto: a lenda, no interior do universo mítico, possui força de verdade poética, pois transforma o impossível em matéria significativa.

A estrutura do Canto II confirma esse procedimento. O mito de Sísifo aparece por meio de diferentes modos de elaboração: a **mitologia**, que apresenta o espaço mítico com Hélicon, Orfeu, Musas, Pégaso, Corinto e Belerofonte; a **alegoria**, que mostra um poeta tentando compreender o mundo por símbolos, números e imagens; a **fábula**, centrada na narrativa de Pégaso preso no poço; e a **parábola**, construída por figuras como os três cegos, Ninguém e Mérope, cada uma oferecendo uma maneira específica de compreender Sísifo.

Dessa forma, o Canto II organiza o maravilhoso em chave hermenêutica. O mito passa a ser lido por meio de camadas sucessivas de sentido. A pedra, a montanha, a música, a poesia, a alegoria, a palavra e a identidade compõem os núcleos simbólicos centrais do canto. Esses núcleos permitem observar como Accioly transforma o castigo de Sísifo em linguagem poética e em instrumento de interpretação da experiência humana. Assim como na seção anterior, a tabela a seguir também organiza visualmente os núcleos simbólicos recorrentes do Canto II.

Tabela 3 – Núcleos simbólicos recorrentes no Canto II de *Sísifo*

Núcleo recorrente: Pedra / montanha
Estrofe / fragmento do poema: foi condenado Sísifo / a rolar uma pedra sobre o Hélicon (Accioly, 1976, p. 24). que ao alcançar o píncaro / tombava do outro lado da montanha (Accioly, 1976, p. 24).
Explicação: A pedra e a montanha retomam o castigo tradicional de Sísifo. A pedra representa o peso da existência, da condenação e do esforço contínuo. A montanha funciona como espaço da subida difícil, marcada pela repetição. O movimento de alcançar o alto e ver a pedra tombar reafirma a lógica sisífica do recomeço.
Núcleo recorrente: Música / poesia
Estrofe / fragmento do poema: ele (poeta e músico / como o filho de Eagro e de Calíope) (Accioly, 1976, p. 24). domava o puma e a águia [...] / com os acordes da música (Accioly, 1976, p. 24).
Explicação: Sísifo aparece como figura do poeta e do músico. A arte funciona como forma de resistência simbólica diante do castigo. A música permite domar o puma e a águia, imagens de ameaça e violência. O canto, portanto, cria uma mediação entre o herói e as forças destrutivas do mundo mítico.
Núcleo recorrente: Alegoria / interpretação
Estrofe / fragmento do poema: no alegórico / o impossível é dentro do possível (Accioly, 1976, p. 25). um poeta fantástico [...] / imaginou a vida como os sonhos (Accioly, 1976, p. 25).

Explicação: A alegoria transforma o mito em campo de interpretação. O impossível passa a ser compreendido dentro de uma lógica simbólica, em que sonho, número, imagem e linguagem ajudam a organizar o sentido do mundo. O maravilhoso ganha uma função reflexiva, pois o poema pensa sua própria forma de representar o mito.
Núcleo recorrente: Pedra / palavra / identidade
Estrofe / fragmento do poema: a quinta visão era a palavra / (a palavra era a pedra) (Accioly, 1976, p. 33). eu sou pedra [...] e a pedra é Sísifo (Accioly, 1976, p. 34).
Explicação: A pedra deixa de ser somente o objeto carregado por Sísifo e passa a expressar palavra, identidade e destino. Na parábola de Mérope, a pedra é interpretada como palavra; na fala de Sísifo, ela se confunde com o próprio herói. O castigo atinge a linguagem e a constituição do sujeito.

A tabela evidencia que o Canto II aprofunda o plano maravilhoso por meio da interpretação do mito. A pedra permanece como centro simbólico, a montanha conserva a estrutura do esforço, a música introduz a resistência pela arte, a alegoria amplia a leitura simbólica e a identidade de Sísifo passa a ser pensada a partir da própria pedra. O castigo mítico assume valor poético, existencial e metalinguístico.

Esse canto, portanto, reorganiza o maravilhoso em formas sucessivas de leitura. A lenda oferece uma versão narrável do mito; a alegoria fornece uma chave simbólica; a fábula transforma o mito em narrativa de encantamento e desencantamento; a parábola introduz interpretações parciais, diversas e conflitantes. Por isso, o Canto II apresenta Sísifo como figura mais complexa: condenado, poeta, músico, intérprete e sujeito ligado à própria pedra que carrega.

Ao final, o Canto II confirma a continuidade do plano maravilhoso instaurado no Canto I e acrescenta uma dimensão interpretativa mais evidente. O poema mantém a tradição mítica greco-clássica, porém reorganiza essa tradição por meio da lenda, da alegoria, da fábula e da parábola. O maravilhoso passa a atuar como procedimento de leitura: permite compreender a pedra como castigo, palavra e identidade; a montanha como espaço de esforço; a música como resistência; e Sísifo como figura de uma epopeia moderna fundada na repetição e na linguagem.

Do Canto I ao Canto II: confirmação e deslocamento do maravilhoso

A leitura conjunta dos Cantos I e II permite observar um movimento decisivo na construção do plano maravilhoso em *Sísifo*. O Canto I instaura a “irrealidade mitológica” como regime amplo de composição; o Canto II reorganiza essa experiência em formas de narração e interpretação. Há, portanto, uma passagem do maravilhoso como mundo simbólico total para o maravilhoso como linguagem de leitura do mito.

Canto I — “A irrealidade mitológica”: Instaura o plano maravilhoso como universo simbólico amplo, marcado por imagens de grande escala: inferno, mar, montanha, céu, silêncio, astros e bestiário.
Canto II — “O possível da lenda”: Reorganiza o plano maravilhoso por meio de formas narrativas e interpretativas: mitologia, lenda, alegoria, fábula e parábola.
Canto I — “A irrealidade mitológica”: A abertura convoca a tradição épica ocidental por meio de Dante, Camões, Homero e Virgílio. Os versos iniciais retomam a <i>Divina Comédia</i> e <i>Os Lusíadas</i> , enquanto Aquiles, Odisseus, Vasco e Eneias ampliam a cadeia heroica.
Canto II — “O possível da lenda”: O início formula uma chave de leitura: “No mundo mitológico a lenda é a verdade da mentira” (Accioly, 1976, p. 23). A lenda passa a funcionar como modo de tornar o mito narrável e significativo.
Canto I — “A irrealidade mitológica”: A dupla invocação às Musas e à Trindade cristã cria um maravilhoso sincrético, articulando códigos pagãos, cristãos e épicos.
Canto II — “O possível da lenda”: A mitologia organiza o espaço de Sísifo por meio de Hélicon, Orfeu, Musas, Pégaso, Corinto e Belerofonte.
Canto I — “A irrealidade mitológica”: A pedra aparece como “pedra do poema”, associando o castigo de Sísifo ao trabalho poético.
Canto II — “O possível da lenda”: A pedra permanece no centro do castigo: “foi condenado Sísifo / a rolar uma pedra sobre o Hélicon” (Accioly, 1976, p. 24); ao atingir o cume, ela tomba do outro lado da montanha.
Canto I — “A irrealidade mitológica”: O mar surge como espaço infernal: “o mar era um inferno com seus círculos” (Accioly, 1976, p. 19), criando uma duplicação do castigo em chave marítima e circular.
Canto II — “O possível da lenda”: A montanha concentra a cena do suplício. A repetição continua, porém agora submetida a modos de explicação simbólica.
Canto I — “A irrealidade mitológica”: A voz épica é redefinida pelo silêncio: “e o céu escute o som do meu silêncio” (Accioly, 1976, p. 3); o poema recusa “a tuba canora” e o “som guerreiro”.
Canto II — “O possível da lenda”: A música e a poesia tornam-se formas de resistência: Sísifo aparece como “poeta e músico” e doma “o puma e a águia” com “os acordes da música”.
Canto I — “A irrealidade mitológica”: A subida aparece como esforço e condenação: “é preciso subir quando é preciso” (Accioly, 1976, p. 3); a ascensão aponta para o alto e conserva a lógica do retorno.

Canto II — “O possível da lenda”: A alegoria interpreta o impossível: “no alegórico / o impossível é dentro do possível” (Accioly, 1976, p. 25); o mito passa a ser lido por símbolos, números, imagens e sonhos.
Canto I — “A irrealidade mitológica”: O bestiário e a cosmologia tornam visível o maravilhoso: pantera, leão, loba, peixes, hipocampos, gaivotas, ursos e constelações ampliam o mundo do poema.
Canto II — “O possível da lenda”: A fábula e a parábola multiplicam as leituras de Sísifo: Pégaso no poço, os três cegos, Ninguém e Mérope oferecem formas distintas de compreender o mito.
Canto I — “A irrealidade mitológica”: O fechamento organiza uma arquitetura cósmica: “dos círculos do Inferno às esferas dos céus” (Accioly, 1976, p. 20), passando pela “Pirâmide” ou “Purgatório”.
Canto II — “O possível da lenda”: A pedra passa a expressar palavra e identidade: “a palavra era a pedra”; “eu sou pedra [...] e a pedra é Sísifo” (Accioly, 1976, p. 34).
Canto I — “A irrealidade mitológica”: O verso “mundo dentro do mundo (universo de Sísifo / cujo fim da galáxia é o próprio princípio)” (Accioly, 1976, p. 20) sintetiza a circularidade cósmica do canto.
Canto II — “O possível da lenda”: O maravilhoso assume função hermenêutica: o mito é transformado em linguagem de leitura do mundo, do herói e do próprio poema.

A tabela evidencia que o Canto I define o campo simbólico do maravilhoso, enquanto o Canto II explicita seus modos de leitura. O primeiro canto dá ao mito uma dimensão cósmica; o segundo transforma essa dimensão em linguagem interpretativa. Esse percurso confirma a natureza híbrida do plano maravilhoso em *Sísifo*: Accioly retoma a tradição greco-clássica e a reorganiza por meio de procedimentos modernos, metapoéticos e simbólicos.

Assim, os Cantos I e II funcionam como momentos complementares do mapa mítico da epopeia. O herói deixa de ser definido pela conquista ou pela glória e passa a ser compreendido pelo esforço reiterado, pela relação com a palavra e pela permanência diante de uma tarefa sem conclusão.

Considerações finais

A análise dos Cantos I e II de *Sísifo*, de Marcus Accioly, permite compreender o plano maravilhoso como dimensão estruturante da epopeia. A partir da tipologia proposta por Christina Ramalho, verificou-se que a obra se configura como expressão de uma **fonte mítica híbrida**, pois retoma imagens reconhecíveis da tradição greco-clássica e as reorganiza por meio de procedimentos literários modernos, marcados pela fragmentação, pela metalinguagem, pelo sincretismo simbólico e pela reflexão sobre o próprio fazer poético.

O mapa mítico construído ao longo da análise mostrou-se um procedimento produtivo de leitura, pois permitiu identificar os núcleos simbólicos recorrentes que sustentam o plano maravilhoso nos dois cantos selecionados. No Canto I, destacaram-se pedra, montanha, mar, água, sal, voz, silêncio, subida, queda,

bestiário e cosmologia. No Canto II, ganharam centralidade pedra, montanha, música, poesia, alegoria, interpretação, palavra e identidade. Esses núcleos, assim, articulam-se em uma rede de sentidos que transforma o mito de Sísifo em eixo de organização formal, simbólica e existencial da epopeia.

No Canto I, “A irrealidade mitológica”, Accioly instaura um universo maravilhoso de grande amplitude, no qual o castigo de Sísifo é projetado em escala cósmica. A pedra se converte em “pedra do poema”; a montanha assume o valor de espaço da ascensão interminável; o mar se torna inferno circular; o silêncio redefine a voz épica; e os animais, monstros e astros ampliam o drama do herói para uma dimensão universal. Já no Canto II, “O possível da lenda”, o maravilhoso passa a ser organizado por modos de narração e interpretação, como mitologia, lenda, alegoria, fábula e parábola. Nesse percurso, a pedra ganha valor de palavra e identidade, e Sísifo passa a ser lido como figura do poeta, do músico e do intérprete.

Desse modo, *Sísifo* reconfigura a epopeia moderna ao deslocar o centro do heroísmo. O herói épico já não se define pela conquista, pela fundação de uma comunidade ou pela glória guerreira. Em Accioly, Sísifo é o herói da repetição, da resistência e da linguagem. Sua grandeza não está em vencer a pedra, mas em continuar a carregá-la; não está em superar definitivamente o castigo, mas em convertê-lo em forma poética. O peso torna-se matéria da criação, e a repetição passa a constituir uma experiência estética e existencial.

A leitura dos dois cantos evidencia, portanto, que o maravilhoso em *Sísifo* opera como força de continuidade e de transformação da tradição épica. A obra conserva o repertório mítico antigo, especialmente o imaginário greco-clássico, e o reinscreve em uma poética moderna, tensionada pelo absurdo, pela fragmentação do mundo e pela busca de sentido. O mito permanece ativo porque se transforma em linguagem, em imagem recorrente e em estrutura de pensamento.

Assim, o plano maravilhoso de *Sísifo* revela a força da epopeia como forma aberta à reinvenção. Ao escolher um herói condenado ao recomeço, Marcus Accioly constrói uma poesia épica voltada para a permanência do esforço humano diante do peso da existência. A pedra carregada por Sísifo é castigo, palavra, destino e poema. É nessa convergência que a epopeia encontra sua modernidade: não na negação do mito, mas em sua reelaboração como linguagem do peso, da repetição e da criação.

Referências

ACCIOLY, Marcus. **Sísifo**. São Paulo: Quíron; Brasília: INL, 1976.

COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO. **Sísifo**. In: Livraria Cepe. Recife, 2023. Disponível em: <https://livraria.cepe.com.br/sisifo>. Acesso em: 25 abr. 2026.

COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO. **Cepe Editora lança a tetralogia poética de Marcus Accioly**. Recife, 2023. Disponível em: <https://www.cepe.com.br/noticias/cepe-editora-lanca-a-tetralogia-poetica-de-marcus-accioly>. Acesso em: 25 abr. 2026.

COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO. **Diálogo com a poesia clássica**. Recife, 16 jul. 2023. Disponível em: <https://www.cepe.com.br/noticias/dialogo-com-a-poesia-classica>. Acesso em: 25 abr. 2026.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da mitologia grega e romana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

OLIVIERI-GODET, Rita. Sísifo de Marcus Accioly: uma poética do épico moderno ou "da nova velha dor em um novo estilo heróico". **Revista Leitura**, n. 34, pág. 49-59, 2004.

RAMALHO, Christina. **Vozes épicas**: história e mito segundo as mulheres. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. Tese de Doutorado.

RAMALHO, Christina. **A cabeça calva de Deus, de Corsino Fortes**: o epos de uma nação solar no cosmos da épica universal. 2. ed. modificada e ampliada. Natal: LucGraf, 2017. E-book. ISBN 978-85-60621-89-7.

SANTOS, Acácio L. O sujeito e seus "outros" definidores: leitura do Canto VI de *Sísifo*, de Marcus Accioly. **Linguagens - Revista De Letras, Artes E Comunicação**, 2(3), 369–383, 2009. <https://doi.org/10.7867/1981-9943.2008v2n3p369-383>.